

Apresentação

O que vi, sempre, é que toda ação principia mesmo é por uma palavra pensada.
Palavra pegante, dada ou guardada, que vai rompendo rumo
(Guimarães Rosa).

O convite foi feito por Amanda na madrugada madrileña e me colocou diante de um susto e também da aposta de um dizer construído pelo já-feito com trabalhos conduzidos por mim. Trilhas com veredas de pesquisas finalizadas, mosaico com fragmentos de vozes de orientandos, percursos que são ressignificados na retroação quando se olha pelo retrovisor do tempo e busca por um dentre vários sentidos... Este exemplar da Revista Fragmentum tem por objetivo apresentar alguns dos trabalhos concluídos por integrantes do grupo de pesquisa “*Discurso e memória: nos movimentos do sujeito*”, liderado por mim, e também passear por conceitos fundados por Michel Pêcheux, tecendo análises discursivas a partir de pesquisas concluídas nos âmbitos da graduação e pós.

Tomar o discurso como objeto implica, segundo Pêcheux, considerar a determinação dos processos históricos e centrar o ideológico na trama da linguagem e, muito precisamente (quicá principalmente), tateá-la como superfície não passível de exatidão e controle, não contornada pelo imaginário de absoluta asepsia de toda e qualquer ambigüidade, deslizamentos, equívocos. Tomá-la em sua opacidade e incompletude reclama do analista a disposição para arriscar-se e expor-se ao próprio da língua, a saber, sua polissemia e a propriedade de ela estar sempre sujeita à equivocidade e ao permanente encontro com o real. Por isso, Pêcheux (2011, p 282) convoca os lingüistas a não ficarem “cegos ao papel teórico que devem desempenhar aí o acontecimento, a questão, a réplica, a interrupção e a irrupção.”. Tal chamado constitui uma condição para o analista, a de ter compromisso apenas com o impossível, o que Henry também já pontuou nesses termos. Ora, isso não é pouco, demanda investimento, trabalho e, sobretudo, um arriscar-se permanente à escuta do que sempre pode ser outro, desigual, inatingível.

Penso que o trabalho de orientação tem muita relação com esses pontos do dispositivo teórico: arriscar-se a acolher um tema, uma questão, um orientando que nos diz do desejo de saber sobre, e não ter nenhuma segurança com o que virá depois... Nenhuma garantia que não a pá-lavra, a pedra que será trabalhada, (pa)lavrada, que exige muitos toques e que é feita da mesma matéria daquilo com que se cava, a palavra em dis-curso, no movimento de entremear fios do que nunca será de todo completado (e reconhecê-lo nos coloca mais intrigados ainda), no con-curso de uma trama sempre aberta ao inesperado.

O que move tal percurso é o ardente desejo de discurso, que suporta mudança de rota, teorização em outra direção, dados surpreendentes, o inesperado, a perda e a possibilidade de bordar em torno dela; que suporta enfim o fragmentum, a parte, o bocado separado de uma peça, a fração, o pedaço, o caco, o resto de algo que já foi inteiro e nunca mais será de novo... Mais ainda, que suporta “o que não tem governo nem nunca terá” segundo Chico... Embora possa vir-a-ser outra coisa, um arranjo outro, um tecido diferente, um mosaico bonito. Isso, um mosaico bonito! Os trabalhos aqui apresentados formam justamente isso, um mosaico (quem sabe bonito? Isso cabe ao leitor dizer...) de vezes que bordaram em torno dos conceitos de Pêcheux, tomando o discurso como mote para pensar e teorizar a contradição, a tensão, o furo e a falta; e que costuraram também (nov)os encontros com sentidos que não eram previsíveis.

Nessa Fragmentum está posto um pouco do meu encantamento do milmaravilhoso, de que fala tão bem Rosa de Primeiras Histórias: “Mas - de repente - eu temi? A meio, a medo, acordava, e daquele estro estrambótico. O que: aquilo nunca parava, não tinha começo nem fim? Não havia tempo decorrido. E como ajuizado terminar, então? Precisava. E fiz uma força, comigo, para me soltar do encantamento. Não podia, não me conseguia - para fora do corrido, contínuo, do incessar. Sempre batiam, um ror, novas palmas. Entendi. Cada um de nós se esquecera de seu mesmo, e estávamos transvivendo, sobre-crentes, disto: que era o verdadeiro viver? E era bom demais, bonito - o milmaravilhoso - a gente voava, num amor, nas palavras: no que se ouvia dos outros e no nosso próprio falar. E como terminar? Então, querendo e não querendo, e não podendo, senti: que - só de um jeito. Só uma maneira de interromper, só a maneira de sair - do fio, do rio, da roda, do representar sem fim. Cheguei para a frente, falando sempre, para a beira da beirada. Ainda olhei, antes. Tremeluzi.” E também muito do milmaravilhoso do encontro com Amanda, a quem agradeço a aposta dessa edição.

Lucília Maria Sousa Romão
FFCLRP – Universidade de São Paulo